

Centro: Licenciaturas

Curso: PG - Educacao

Título: JOVENS POBRES EM TELECENTROS: UMA SAÍDA PARA A INCLUSÃO SOCIAL?

Autores: Nazario, H Bohadana, E

Email ebohadana@gmail.com

IES: UNESA

Palavra Chave:

Resumo:

Este trabalho apresenta parte de uma investigação já concluída acerca das relações entre Tecnologias da Informação e Comunicação e jovens de baixa renda. A questão central é desvendar se os usos da Internet em telecentros, por jovens de baixa renda, no município de Niterói se constituiriam em ações de inclusão digital, sendo esta capaz de reverter a exclusão social. A pesquisa ocorreu em telecentros, com entrevistas a monitores e aplicação de questionários aos usuários. Para analisar os dados optamos pela Teoria de Análise Argumentativa e ao final, concluímos que os usos da Internet em telecentros não promovem a inclusão digital, no sentido de proporcionar a inclusão social de seus usuários, como pretendido no discurso governamental. Nesta investigação, foram selecionados cinco telecentros situados no município de Niterói. Esta escolha considerou a facilidade de acesso e a segurança. Os participantes da pesquisa foram: (a) jovens, com idade entre quinze e vinte anos, de renda familiar, entre um e três salários mínimos e usuários de telecentros (aplicação de questionários); (b) monitores de telecentros (entrevistas). As entrevistas foram analisadas a partir da Teoria da Argumentação visando considerar as intenções de persuasão dos discursos e interpretar seus processos ideológicos, daí sua relevância sempre que se quer buscar a compreensão de tais processos ou levantar novos aspectos que os permeiam. Os jovens usuários dos telecentros tinham de 15 a 17 anos, eram do sexo masculino e de baixo poder aquisitivo. A renda familiar concentrava-se em “até um” e “de um a três” salários mínimos. Quanto ao lazer, conforme previa-se, além de menções aos esportes, as idas à praia, às igrejas, os jogos de celular e os games manuais, também o acesso à Internet foi citado enquanto entretenimento. Destaca-se que algumas atividades que supúnhamos serem citadas, ainda que em baixa frequência, tais como assistir a peças de teatro ou literatura, não foram citadas. A livre navegação na Internet foi a atividade de lazer preferida e em segundo lugar, encontraram-se os jogos na Internet e em terceiro, o futebol. Os jovens dessa pesquisa aprenderam a utilizar o computador nas lanhouses em primeiro lugar, seguido do telecentro. Outro lugar que teve menção expressiva foi a escola. A utilização da Internet em casa, em cursos e em casas de amigos ou parentes foram pouco citados. Estes usuários freqüentam os telecentros de três a quatro vezes por semana, com o objetivo de fazer uso comunicacional e recreativo da Internet (navegações em Orkut, MSN, Twitter e Facebook). Em sua maioria não possuem computador doméstico, mesmo os que possuem não tem acesso a conexões velozes. Em nossas considerações finais, concluímos que, para a diminuição da brecha entre os informados e os desinformados, as ações de inclusão digital deveriam ser centralizadas e não pulverizadas, a fim de que todo o processo pudesse ser avaliado continuamente. Esta pesquisa evidenciou as fragilidades desse discurso, constatando empiricamente que os usos da Internet em telecentros por jovens de baixa renda, no município de Niterói, não conduziam à inclusão digital, tal qual preconizada na fala e nos documentos governamentais. O uso da Internet, em telecentros, como é realizado até então não amplia a cidadania, não combate a pobreza e nem garante o fortalecimento do desenvolvimento local, como inicialmente propõe o Projeto Telecentros.